

CAMINHAR E PARAR COM FRANCESCO CARERI Uma pedagogia nômade

Evandro Fiorin¹ e
Heber Maciel Tenório Vasconcelos²

Resumo

Esta contribuição faz uma resenha do livro *Caminhar e Parar* do professor da Universidade Roma Tre, o arquiteto e urbanista Francesco Careri. Em um momento de discussão sobre a educação do arquiteto urbanista, diante da pandemia do novo corona vírus, buscamos refletir sobre as ideias e as práticas pedagógicas trabalhadas pelo referido docente ao longo de sua carreira descritas na publicação. Elas têm a modalidade peripatética pelos territórios atuais das conformações urbanas contemporâneas como pressuposto para sua atuação no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Nesse sentido, apontamos suas principais preocupações ao longo dos capítulos desse livro que, em suma, convida para um encontro com os Outros e com o mundo que nos rodeia.

Roma, manhã gelada do dia 27 de janeiro de 2020. Havíamos marcado um café com o Prof. Associado Francesco Careri, em um dos pavilhões do antigo matadouro – agora convertido nos ateliês do Departamento de Arquitetura da Universidade Roma Tre. Caminhar pela antiga zona industrial dessa região romana revelou-se um momento de muitos descobrimentos. Parar para conversar sobre a prática do caminhar, na companhia de um dos mais renomados autores sobre a atualização da modalidade peripatética (àquela entendida aqui como um instrumento de cognição e criação para a compreensão da cultura dos espaços e dos territórios atuais) foi, sem dúvida, um grande privilégio que queremos compartilhar. Portanto, nesta oportunidade, trazemos à luz para discussão, o livro: *Caminhar e Parar*.

Este exemplar reúne escritos e artigos da trajetória do arquiteto, professor e pesquisador italiano Francesco Careri. É uma literatura que se traduz, certamente, como uma chave capaz de abrir portas para a percepção ambiental e a ação projetual na contemporaneidade. Isto porque, guarda em suas páginas, as possibilidades para novas descobertas e aventuras, traçando a gênese da prática do caminhar, que veio ocorrendo em algumas zonas abandonadas de Roma, desde o ano de 1995, capitaneada pelo próprio Careri – o manifesto e o grupo ativista de arquitetos e artistas reunidos na ação que recebeu o nome de: “Stalker através dos Territórios Atuais”.

Os “Territórios Atuais”, são entendidos por Careri como: as “[...] áreas esquecidas, que formam o negativo da cidade contemporânea, que contém em si mesmas a dupla essência de refúgio e de recurso”. “Stalkers” foi o nome escolhido para representar o coletivo de arquitetos e artistas, incluindo Careri e seus alunos, que saíam para caminhar rumo ao desconhecido, para além dos confins de Roma. Ao mesmo tempo, é metáfora para aludir ao filme de Andrei Tarkóvski (TARKÓVSKI, 1979). Os Stalkers, no filme, eram os únicos personagens que frequentavam e conheciam a “Zona”, esta que se constituía como um novo universo, onde a natureza atravessada pelos passos

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo FAU-USP. Professor do Programa de Pós-Graduação da UFSC.
² Arquiteto UFAL. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC.



do caminhante se transformava, justamente, pela presença do Outro (CARERI, 2017).

Um dos artigos que compõe o livro coletânea de Francesco Careri tem como título: “Boario Stop” (2005). O Campo Boario, apresentou-se como um exemplo de auto-organização e boa convivência entre diversas culturas nos arredores de Roma. Boario trata-se de uma espécie de bolsão urbano, um local onde tudo que não consegue encontrar espaço em outro lugar da cidade tem abrigo (CARERI, 2017). Fica claro o esforço depreendido pelo coletivo Stalkers em desenvolver uma interação com os habitantes de Boario. “Foram necessárias muitas passagens e um grande dispêndio de energia para ter acesso ao Campo Boario, para encontrar a maneira conveniente para se relacionar com seus habitantes, para superar as barreiras culturais e pôr-se à disposição daquilo que era difícil de compreender [...]” (CARERI, 2017). Os principais dilemas que o grupo Stalkers teve nessa interação foram: como não julgar? Como não determinar, ou criar certezas sobre aquela comunidade? Desse modo, a solução encontrada pelo grupo, foi a de colocar-se como intermediadores de um jogo e, portanto, não propor nada diretamente, tal como um projeto definitivo, mas, sempre de modo lúdico, dando voz às vozes da complexidade cultural do espaço (CARERI, 2017).

“Do navegar e do parar” (2010), revela como surgem os termos, muitas vezes, de origem marítima e náutica, adotados por diversos pesquisadores e pelo próprio coletivo de que o autor faz parte, para se referirem à prática do caminhar e à compreensão das conformações urbanas contemporâneas. Segundo Careri (2017), além dos termos: “ilhas”, “arquipélagos”, “navegar”, “ancorar”, o vocábulo “derivar” ou “deriva”, traz consigo o sentido da imprevisibilidade. A deriva é descrita como: “[...] uma palavra que carrega consigo a ideia surrealista do acaso e do navegar ao sabor das correntezas, como um veleiro que se move sem vento e sem mapa [...]” (CARERI, 2017).

A deriva se constrói para o autor como um instrumento que não se contrapõe ao devir, mas que, ao contrário, permite a ele acontecer. Nesse sentido, uma espécie de “devenir”

ganha sentido quando Francesco Careri propõe que nos deixemos transformar pelo território que percorremos. Um trânsito ininterrupto que seja capaz de nos distanciar do entorno mais cotidiano e, assim, possa alterar nossa percepção, dissolvendo barreiras, em um vir a ser e estar no espaço. Pelo meio do caminho, um encontro inesperado e, nos tornamos algo que já não éramos antes. Logo, em toda a ação dessa modalidade de pesquisa-intervenção há uma intensão. Saber caminhar, mas, também, saber a hora de parar, especialmente, quando encontramos com o Outro.

Em: “É aqui New Babylon”(2010), há a busca de um encontro com as ideias de Constant Nieuwenhuys, para compreender a proposta implementada nos anos de 1960, intitulada “New Babylon”. Nas bordas de Roma, perceberam que aquela concepção física de décadas atrás, não pode mais existir, mas sua essência ainda pode estar viva. Um eco que continua reverberando em novas babilônias possíveis, encontradas nas comunidades auto-gestionadas, capazes agora de abrigar diversas culturas em harmonia em um mesmo espaço, através da auto-representação, sem um projeto determinado a ser seguido.

No texto nomeado como: *Pidgin City* (2012), Careri nos revela que a possibilidade de errar é também importante em um processo de projeto. De acordo com o autor, não podemos ter medo de errar e devemos nos lançar ao desconhecido para aprendermos a projetar. Como pensar espaços mestiços, para os migrantes, onde o choque de culturas pode produzir a informação nova. Um momento em que precisamos nos despir do que somos para nos juntarmos aos Outros.

Na sequência Careri destaca suas interações com as cidades latino-americanas, tais como: Santiago do Chile, Bogotá e São Paulo, descrevendo as caminhadas que realizou nestas cidades e compartilhando as suas experiências.

No capítulo “Artes Cívicas” (2015), Careri explica sua disciplina no curso de Arquitetura da Universidade de Roma Tre. Trata-se de uma urbanística itinerante, uma ciência cívica que propõe aos estudantes e aos futuros planejadores uma verdadeira imersão nas conformações urbanas contemporâneas. Nasce como uma prática labiríntica e participativa; uma deambulação que permite ler, interpretar e transformar as cidades. O resultado são relatos fenomenológicos evolutivos capazes de desenvolver um senso de pertencimento e de cidadania. Dessa forma, a disciplina, permite: “[...] *fazer conhecer a estudantes e cidadãos as realidades estranhas a suas rotinas cotidianas; indagar fenômenos emergentes por meio da interação com o espaço social; entrar em contato com as diversas culturas que habitam a cidade, as dos excluídos nos campos e nas favelas, as dos reclusos nos condomínios de luxo.*” (CARERI, 2017, p 101). Vale ressaltar ainda que a sua pedagogia leva em conta: “[...] *uma exploração e uma reapropriação da cidade; a deambulação como metodologia de pesquisa e de didática; a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares*” (CARERI, 2017, p 102).

Dessa forma, por meio desse livro, Francesco Careri, nos permite conhecer um pouco mais sobre o seu trabalho, de maneira a expandir nosso olhar e nossas possibilidades frente aos estudos que envolvem as sensibilidades culturais e a intervenção na cidade contemporânea, na paisagem e no território. Uma prática que vai sendo desvendada, também, com auxílio de um glossário, ao final. Escrita que nos leva para além da cidade conhecida e de encontro ao Outro, atendida com os novos tempos e desafios que temos que enfrentar, pois coloca o nosso mundo, literalmente, de cabeça para baixo.

É, sem dúvida, um grande estímulo para repensarmos como será o ensino de Arquitetura e Urbanismo depois da pandemia do SARS-COVID-2. Isto porque, o

processo de ensino-aprendizagem remoto carece do contato direto com o Outro e da possibilidade de interação com o espaço da cidade – o mais emblemático lugar de ação dos arquitetos urbanistas. Da tela ou da janela, traçamos os mapas e seguimos à espera da oportunidade de recuperar, sem medo, a liberdade de ir e vir. Nesse tempo “parados” temos a chance de refletir sobre os rumos da nossa profissão, e qual caminho podemos seguir para retomarmos a cidade por meio de uma pedagogia nômade.

Referências

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.